

O outro mundo



Imagem 1- Criação da autora

Escrito e ilustrado por: Maria Eduarda Lunkes



SUMÁRIO

Capítulo 1-----	Página 3 à 7
Capítulo 2-----	Página 8 à 10
Capítulo 3-----	Página 11 à 12
Capítulo 4-----	Página 13 à 15
Capítulo 5-----	Página 16 à 18
Capítulo 6-----	Página 19 à 22
Capítulo 7 -----	Página 23 à 26
Capítulo 8-----	Página 27 à 29
Capítulo 9-----	Página 30 à 32
Capítulo 10-----	Página 33 à 35
Capítulo 11-----	Página 36 a 38
Capítulo 12-----	Página 39 à 40

CAPÍTULO 1

Comecei minha nova vida levantando-me, envolta pelas chamas. A destruição e o cheiro de fumaça estavam por toda a parte.

Pessoas em pânico berravam e corriam para todos os lados na tentativa de se salvarem. Os prédios ao redor caíam fazendo o chão tremer. A cidade estava em chamas que se expandiram rapidamente trazendo o cheiro de fumaça e carne queimada. O céu estava negro.

Todo o meu corpo doía. Tinha arranhões e escoriações espalhadas por cada centímetro do meu corpo. O meu braço esquerdo tinha uma sensação de queimação. Um pouco acima do cotovelo sangue quente escorria. Provavelmente, tinha me cortado com um dos destroços. Mas, isso não se comparava ao choque: as construções desabaram com um lamento vazio, levando mais vidas deste mundo. E, diante de mim, a casa onde cresci estava em chamas e desmoronava pedacinho por pedacinho, lentamente... e levava minha família com ela.

O suor escorria pela minha testa e um vazio se abria no meu peito, ameaçando me levar junto com ele.

Não conseguia me mover. Era como se os meus pés estivessem presos ao chão e meu corpo todo parecia pesar mais do que uma tonelada. Sabia que tinha que sair dali. Se ficasse naquele lugar por muito mais tempo morreria também. O meu mundo inteiro estava sendo tragado pelo fogo e produzia um som terrível de concreto ruindo, de fogo crepitando e de berros de dor, de desespero e de morte.

Algo explodiu à minha direita. Em seguida, uma construção desabou, levantando poeira e emitindo um estrondo ensurdecedor.

Pessoas gritavam.

Naves parecidas com libélulas passavam e anunciavam, com uma voz grave e sem emoção, que, repentinamente, uma chuva de meteoros tinha aparecido.

A Chuva!

Não se sabia de onde vinham os meteoros ou o tamanho da área afetada por eles.

“Então o meu mundo estava acabando e todos com quem me importava morreram”, pensei.

Queria chorar, mas as lágrimas simplesmente não saiam.

“Vale mesmo a pena viver em um lugar desses?”, meu cérebro não parava de fazer essa pergunta. “Não seria mais fácil desistir de tudo?”

Fui tomada de uma apatia... Tudo ficou sem cor... E a menininha esperançosa, que sempre via o melhor das pessoas e tirava o melhor das adversidades da vida, aquela menininha que minha família conhecia tão bem, estava se perdendo...

Lembrei dos meus pais e do meu irmão.

Meu pai sempre foi um homem forte e inteligente. Minha mãe era uma pessoa muito gentil e decidida. E o meu irmão mais velho sempre foi meio desconfiado quanto à intenção das pessoas ao seu redor. Ele tinha uma dificuldade para se abrir. Nossos pais e eu éramos os únicos em quem ele realmente confiava. Uma coisa era certa, entretanto: ele faria de tudo para nos proteger, principalmente a mim.

Pensei em como seria minha vida sem eles... Sem minha mãe, com quem eu falava sobre tudo... Sem meu pai, que sempre me ajudava a entender as coisas que eu não compreendia... E sem meu irmão, que sempre me protegia e sempre arranjava um tempo para mim.

Talvez eu devesse apenas esperar o caos me engolir para que eu me juntasse a eles. Pensamentos sombrios aumentavam e rodopiavam na minha cabeça. Por onde quer que olhasse, só via desgraça e desesperança.

O mundo ao meu redor foi se dissipando aos poucos. Os sons ficaram distantes. Minha vista embaçou e eu desmaiei.

Não sei por quanto tempo fiquei inconsciente. Quando dei por mim, estava deitada no chão duro e coberto de destroços.

Silêncio.

Ninguém berrava pedindo ajuda. Nenhuma construção desabava. Nada explodia.

Eu devia ter ficado desmaiada por horas. Talvez a fumaça tivesse feito com que perdesse a consciência, ou fosse apenas o caos mental no qual me encontrava. Talvez ambos.

A sonolência e o vazio me dominavam e minha mente me isolava do resto das coisas.

No limiar de consciência lembrei de um fim de semana anos antes. Tínhamos ido para uma casa perto de uma cachoeira. Estávamos passando por um período estressante e aqueles dias foram uma folga merecida. Foram as melhores férias de minha vida! Passamos esses dois dias nadando e brincando.

Meu pai me disse uma vez “Os momentos mais felizes e radiantes podem se transformar nas lembranças mais dolorosas e cruéis”. Não entendi à época, já que tinha apenas cinco anos. Mas, agora, isso era o que mais fazia sentido.

De repente, uma voz familiar chamou meu nome e me tirou do meu estupor.

-Sanna. SANNA!- Era meu irmão, Aiden.

Não entendi, a princípio. Ele estava vivo? Não podia ser. Ele tinha ficado em casa. Ele estava dentro dela, quando tudo começou. E a casa já não existia mais...

Fui invadida por uma felicidade imensa. ELE ESTAVA VIVO!

Mas, nunca o tinha visto tão mal. O rosto pálido estava coberto de fuligem e ele tinha pequenos cortes por todo o corpo.

Ver que ele estava vivo fez com que um nó, que eu nem tinha notado que existia, se afrouxasse na minha garganta.

- Temos que ir. AGORA!

-V...você... O pai e a mãe...- balbuciei.

Ele estava vivo! Estava realmente ali. Uma chama de esperança se acendeu no meu peito. Se ele tinha sobrevivido, talvez o pai e a mãe também não estivessem em casa, quando ela foi destroçada pelo fogo intenso da Chuva...

Ele me encarou e seus olhos se encheram de lágrimas, por isso eu soube que nunca veríamos nossos pais de novo...E aquela pequena chama de esperança se apagou tão rápido quanto se formou.

Agarrando os meus ombros ele disse, enfaticamente, e com a voz embargada pela emoção:

-Temos que ir.

Ele pegou a minha mão e me puxou, forçando-me a ficar de pé e fazendo minhas pernas se moverem, me levando para longe de toda aquela destruição.

Passamos entre os prédios e destroços. Fomos para a esquerda, direita, esquerda, em frente, esquerda, esquerda de novo.

Não percebi por quanto tempo corremos. Não fazia diferença. Nossos pais estavam mortos! Tudo o que conheci se perdeu e eu não sabia o que fazer. Me perguntei se iria sobreviver tempo o bastante para descobrir, mas esse pensamento logo se dissipou em meio ao alívio por não ter perdido Aiden também.

Quando paramos, o sol quase se punha no horizonte tingindo o céu de vermelho e laranja por causa da fumaça e da poeira dos destroços. Meus pés doíam e nós dois estávamos ofegantes.

-Temos que procurar um lugar para passar a noite.- Foi tudo o que meu irmão disse.

Para os outros, ele poderia até parecer frio, mas eu sabia que ele agia dessa forma por minha causa. Ele não queria que eu percebesse o tamanho do medo ou da tristeza que ele sentia. Ele queria ser forte por nós dois.

Fizemos o resto do caminho andando, sem soltar a mão um do outro.

Procurávamos um lugar que não estivesse totalmente destruído.

Depois de aproximadamente meia hora achamos uma pequena construção com a pintura desbotada, sem a porta, com cacos de vidro espalhados pelo chão e um buraco enorme onde deviam estar as janelas. Incrivelmente, a construção ainda estava de pé, mesmo sem uma das paredes.

Entramos e passamos por prateleiras enfileiradas cheias de produtos. Provavelmente era uma loja de conveniência.

Chegamos no final da loja e sentamos no canto da parede, abraçados.

Estava tudo surpreendentemente frio e escuro, apesar do calor infernal que o fogo causou. Sabíamos que era melhor dormir, mas não conseguimos pregar o olho. Toda vez que os fechávamos, víamos a casa em que crescemos em chamas e ouvíamos os gritos dos nossos pais.

Minha mente e as experiências devastadoras que havia presenciado naquele dia pairavam sobre mim, ameaçando me levar por um caminho sem esperanças.

Talvez fosse mais fácil ir por esse caminho... Talvez ele trouxesse paz... Talvez isso fosse o melhor... Talvez eu devesse... “Não... Não, não, não!” Aquele não era o caminho que eu seguiria, por mais desesperadoras que as coisas fossem agora, por mais que eu não visse como as coisas seriam dali para frente. “Mesmo assim eu não desistirei. Tenho o meu irmão. Não estou sozinha. E não o deixarei sozinho.” Prometi para mim mesma. Por mais que as coisas tivessem se tornado incertas e instáveis, tinha certeza de que se deixasse meu irmão sozinho meus pais ficariam decepcionados. E eu jamais me perdoaria.

Vaguei por essa certeza sem sentido que tomou conta de mim até que caí no sono.

Senti o chão duro e frio embaixo de mim. Ainda estava sonolenta. Sabia que tinha algo importante que eu estava esquecendo. Então, lembrei-me do caos e da destruição do dia anterior e me levantei sobressaltada, forçando meus olhos a ficarem fechados. Não queria abri-los. “Não era verdade. Não podia ser verdade”. Me forcei a encarar o fato. Lentamente abri meus olhos, torcendo loucamente para ter adormecido lendo no chão da sala de casa outra vez. Mas, tudo o que vi foram as estantes, o piso e o teto da loja de conveniência. A realidade me atingiu em cheio.

-Sanna, tudo bem? - Aiden estava em pé, ao lado da estante da esquerda, com dois sanduíches nas mãos.

-Acho que sim.- Respondi, sem muito ânimo para conversar.

-Arranjei o café da manhã.- Disse ele, enquanto se sentava ao meu lado e me passava o sanduíche.

Comemos em silêncio. Tentávamos organizar os pensamentos e formular qualquer tipo de ideia ou plano para nortear o que faríamos.

Aiden sempre foi o melhor que eu conheci em traçar estratégias e formular planos de ação. Em seus olhos dava para ver que seu cérebro trabalhava a todo vapor para bolar o próximo passo. Mamãe sempre brincava dizendo que dava até para ver as engrenagens da mente dele girando.

Esse pensamento reviveu aquele buraco que sentia em meu coração.

Eu me forcei a ignorar esse sentimento, com medo que ele me consumisse.

Agora que eu tinha tido tempo para pensar e tinha achado meu irmão, uma inquietação surgiu em mim. “O que teria causado tudo aquilo? Tinha a chuva de meteoros, mas como os sistemas de defesa espaciais ou os centros militares não os tinham visto eles se aproximando? Isso era muito estranho.”

Eu queria, acima de tudo, saber o que tinha acontecido. “O que faria com que os detectores espaciais, programados especificamente para achar e deter esse tipo de ameaça, falhassem, levando à destruição de tudo o que eu conhecia, e talvez de todo o resto também”. Essa curiosidade e a necessidade de saber me corroíam. Mas, antes de obter essas respostas, teríamos que sobreviver.

Aiden começou a se erguer e disse:

-Temos que pegar o que pudermos e sair daqui.- Ele se virou e me ajudou a levantar.

-Não podemos ficar mais um pouco? - Perguntei.- Quero dizer. Não seria melhor esperar que alguém venha numa libélula nos levar para um lugar seguro?

Ele já estava andando e buscando algo entre as estantes, quando respondeu.

-Todas as naves libélulas já foram há tempos e eu não ouvi mais nenhuma voando por aí. Não podemos contar que elas virão e não podemos mais ficar aqui.- Aiden parou de pegar as coisas das prateleiras e se virou em minha direção, com as mãos cheias de latas e garrafas.- As coisas estão difíceis e você deve ter ouvido os anúncios. O mundo inteiro pode estar assim. Só vai piorar. Temos que procurar um lugar seguro para ficarmos e esse lugar não é aqui.

Eu me levantei com os olhos voltados para o chão.

-Podemos passar em casa antes de ir? - Perguntei, levantando o olhar. - Só para nos despedirmos?

-Claro que vamos. Mas, primeiro me ajuda a pegar o que precisamos.

Apesar de tudo, me forcei a pensar no lado positivo da situação, se é que tinha um: demos sorte de ter acabado em uma loja dessas. Elas têm de tudo.

Passamos um bom tempo recolhendo o que precisávamos: comida, água e outras coisas. Colocamos tudo em cima do balcão. Não encontramos nenhuma sacola ou mochila, então improvisei uma sacola com uns panos e barbantes, enquanto meu irmão separava o que recolhemos.

Cada um ficou com metade dos suprimentos e checamos tudo duas vezes para ter certeza de que pegamos todas as coisas aproveitáveis do lugar.

Nós fomos para o lado de fora e encaramos a cidade.

O fogo tinha se apagado, mas o céu ainda estava escurecido pela fumaça e pela poeira. Várias construções estavam total ou parcialmente destruídas. Tinham destroços por toda parte e alguns corpos estavam estatelados pelo chão ou pendurados nas na parte destruída de alguns prédios. Os olhos estavam vidrados e alguns dos cadáveres estavam desmembrados ou queimados. Perto deles tinha muito sangue seco.

Não aguentei olhar muito mais, então desviei os olhos para Aiden, que ainda estava encarando aquela visão assustadora, hipnotizado.

-Vamos logo. - Disse, puxando o meu irmão para fora dali.

Ele acenou, concordando, e voltou os olhos para mim.

-Certo, vamos embora.

CAPÍTULO 2

Refizemos o caminho da noite anterior. Tomando cuidado com os destroços e vimos algumas pessoas passando por nós, parecendo zumbis, sem parecer notar a nossa presença. Outras pessoas se esgueiravam pelos prédios, nos encarando. Sabíamos que a maioria da população tinha escapado nas naves e ido para outro lugar. Nós fomos os que sobramos.

Era difícil olhar para a cidade que eu conhecia tão bem toda destruída. Decidi focar no caminho que eu conhecia.

Olhava para os lugares agora destruídos e tentei lembrar de como eram antes. Era difícil. O pequeno monte de tijolos que estava logo em frente era uma padaria que eu sempre parava na volta da escola para ficar olhando e desejando poder comer todos aqueles doces e bolos da vitrine. Do outro lado da rua, havia uma delegacia. Era um prédio imponente com uma escadaria na entrada e um enorme letreiro nas cores azul e branco da polícia. Na minha mente tinha lojas de roupa, cabeleireiros, restaurantes e pessoas andando e olhando as vitrines, passeando e sorrindo.

Piscando os olhos, aquela lembrança se desfez e eu voltei para aquela rua cheia de destroços e corpos no chão.

Queria ter aproveitado mais as coisas como eram antes. Podia ter reclamado menos dos deveres de casa, das tarefas e das obrigações de casa. É meio engraçado com demoramos para dar o devido valor às coisas. Não digo que, se eu soubesse do que aconteceria, eu teria aproveitado mais... Se eu soubesse, eu teria feito de tudo para salvar os meus pais e, portanto, não teria tempo para pensar muito no que aproveitar. Agora eu sinto falta dos problemas e desgraças normais, do tipo 'acabou o requeijão'.

Acabei parando sem perceber e notei que havíamos chegado nos destroços da casa.

-Chegamos.- Aiden disse, depois de um pesado suspiro.

Andamos em direção ao que era a porta da frente da casa. O teto tinha desabado, mas as paredes ainda estavam ali, enegrecidas pelas chamas.- Vamos olhar o que sobrou, meu irmão disse.

Passamos um tempo apenas indo de um lado para o outro, desnorreados.

Então, resolvi ir para o meu quarto, ou o que sobrou dele.

Antes, minha cama ficava encostada na parede oposta à da porta e ao lado dela tinha uma escrivaninha onde eu fazia os deveres de casa ou meus desenhos. Na parede à direita tinha o armário. Agora tudo estava destruído.

Remexendo os escombros, eu vi uma moldura. Quando puxei o quadro, vi que era a foto em família, uma que tínhamos tirado quando terminamos de pintar a casa, há dois anos atrás. Eu tinha doze anos e meu irmão quinze. Na foto, meus pais estavam atrás de nós, e eu e Aiden, na frente, estávamos de mãos dadas. O pai e a mãe estavam com as mãos nos nossos ombros. Todos sorriam. Estávamos sujos de tinta e cansados do trabalho, mas, sobretudo, estávamos felizes. A casa recém pintada formava o fundo da foto junto com o quintal, com as árvores e as flores.

Minha visão ficou borrada e percebi que eu estava chorando. As lágrimas rolaram pelo meu rosto e caíram sobre a foto.

-Sanna? Tudo bem?- Era Aiden na porta do quarto.

-Tudo.- Respondi, secando o rosto com a manga do casaco.- Bem, não está tudo bem, mas não tem jeito. Então, 'sim' é a resposta que me parece mais correta.

-Achou algo?

-Achei.- Me Levantei e mostrei a foto.- Vou levar isso e um pequeno caderno. Quero poder anotar as coisas que acontecerem. Acho que vai me ajudar a organizar os pensamentos sobre tudo isso.- Abri os braços indicando a casa e todo o resto.

-Certo.

Tirei a foto da moldura e coloquei dentro do caderno. Coloquei tudo na mochila. Aiden e eu fomos para a sala.

-O que você vai levar? - Perguntei.

Aiden parou e levantou a mão. Estava segurando um livro que nosso pai tinha dado a ele quando ele tinha seis anos. O livro era sobre engenharia espacial, astrofísica avançada e novas tecnologias. Quando ele recebeu o livro, ele adorou! E demorou menos de meio ano para ler tudo, realmente entender o que estava escrito e aplicar alguns dos conhecimentos tendo o pai como

incentivador, ajudante e professor. E o pior: ele e o pai faziam isso no tempo livre deles. Aiden sempre foi muito inteligente e estudioso. Eu queria participar, fosse ajudando com a parte prática dos projetos, ou apenas lendo o livro. Tenho que reconhecer, eu quase não entendia o que estava escrito. “Mas, sempre há o lado positivo da coisa, certo? Apesar de não ter a inteligência do Aiden, passei a entender mais de matemática e de física que a maioria das pessoas da minha turma”.- Imaginei, dando uma leve risada.

Paramos na frente do quarto dos nossos pais.

-Não tinha achado os corpos deles em nenhum outro cômodo. Pensei que talvez eles estivessem no quarto, quando tudo começou. E, depois de olhar tudo, eu quis verificar. Eles estão aí.- disse Aiden. Ele olhou para mim com os olhos tristes. - Quer vê-los?

Passei um tempo encarando a porta. Eu realmente queria vê-los, mas não o corpo deles; queria vê-los como eram antes. Meu pai alto e com o cabelo curto me ajudando com o dever de casa. Minha mãe passeando e cuidando de mim e das plantas do jardim; ela adorava cuidar do jardim e das flores dela e de mim.

-Quero me despedir, mas não quero ver como eles ficaram. Quero lembrar deles cuidando da gente, brincando conosco e brigando quando fazíamos besteira... Prefiro me lembrar deles assim; não como eu imagino que estão os cadáveres que eram nossos pais.- Me agachei perto da porta e olhei para trás, quando ouvi Aiden dando um risinho sem graça.

-Às vezes esqueço quão bem você entende dessas coisas. A maioria das crianças da sua idade não entende isso.- Ele se aproximou e se agachou ao meu lado.

-De vez em quando imagino se seria melhor não entender.

-Lembra o que o papai sempre dizia para gente? “A ignorância nunca é uma benção. É melhor saber.”- Ele falou as últimas palavras com um pesar, mas de forma enfática, enquanto colocava a mão no meu ombro.

-Eu sei.

Meus pais acreditavam em Deus, que era a uma força superior. Eu e meu irmão nunca compreendemos isso. Sabíamos que tinha alguma coisa maior, mas não acreditávamos que fosse um deus ou que essa coisa tivesse alguma consciência.

Tentamos rezar por eles, por mais que não acreditássemos, mas acabou que ficamos a maior parte do tempo lembrando e conversando sobre os momentos que tivemos com nossos pais: as brincadeiras, os risos, as reuniões no almoço e no jantar, as brigas, as festas, tudo o que tivemos e as coisas que aprendemos com eles.

Depois de algum tempo, sabíamos que não poderíamos mais ficar ali. Nos despedimos pela última vez dos nossos pais. E por mais que pudesse não parecer, Aiden estava se esforçando para não transparecer fraqueza ou tristeza. Ele se esforçava principalmente para não deixar que os sentimentos o dominassem e o fizessem chorar. Quem o conhecia, percebia pelos olhos: eles não se enchiam d'água, mas pareciam brilhar de uma forma diferente, quando estava triste, feliz ou com raiva.

-Temos que ir para a cidade militar, que fica ao norte. Ela pode não ter sido totalmente destruída e uma cidade assim é preparada para desastres. A viagem demora duas semanas a pé e uns cinco ou sete dias de carro. -Falou Aiden, finalmente revelando o plano que eu sabia que ele estava guardando.

-Mas, você sabe dirigir?

-Recebi umas aulas do papai para a prova de habilitação.- Ele deu de ombros.- Se a cidade não for o lugar para gente, nós podemos ficar lá um tempinho, enquanto bolamos um outro plano. O problema é que isso pode demorar um pouco.

Nenhum de nós queria ir embora. Parecia que, se fôssemos, estaríamos deixando tudo e todos para sempre. Provavelmente, nunca voltaríamos.

A contragosto, passamos pela porta de frente e deixamos a casa onde crescemos, para nunca mais voltar.

CAPÍTULO 3

Estávamos em uma das avenidas comerciais da cidade. Dos dois lados da estrada havia o que, um dia, foram lojas e mais lojas brilhantes e cheias de gente.

Aiden franziu as sobrancelhas e olhou em volta, vasculhando o lugar com os olhos, que iam de um lado para o outro.

-O que foi?- Perguntei, querendo saber o que se passava na mente dele.

Não obtive resposta. Ele continuou com as sobrancelhas franzidas a vagar pela rua. Passaram-se alguns minutos até que ele finalmente falou.

-Achei!- Ouvi meu irmão exclamar.

-Achou o que?!

-Um carro inteiro: sem os pneus furados e com uma boa quantidade de gasolina. -Respondeu ele, parecendo um pouco menos melancólico com a despedida permanente de nossa casa.

Foi bom vê-lo assim, por mais que eu soubesse que era apenas um subterfúgio dele para não pensar nos nossos pais, nem em quão difícil era a nossa situação.

- Vou tentar uma coisa que eu vi em um livro para ligar o carro mesmo sem a chave. Só preciso da sua ajuda para pegar a gasolina dos outros carros, enquanto eu abro e ligo esse daqui.

-Certo.- Falei. Então percebi, meio envergonhada, que tinha um pequeno problema...- He, Aiden como se faz para pegar a gasolina?

Ele me mostrou o que fazer para conseguir a gasolina dos outros carros. Na verdade não era tão difícil quanto eu pensava. Tivemos que arrancar uma mangueira de um dos carros que não estava funcionando e procurar umas garrafas dentro dos prédios e casas. Eu só tinha que abrir o compartimento onde ficava o combustível, colocar a mangueira e sugar o que estivesse lá dentro, como se fosse um canudo. Tinha que colocar a mangueira dentro das garrafas antes do combustível chegar até a minha boca. Demorei algumas vezes para pegar o jeito e, com isso descobri que gasolina tem um gosto horrível.

Não demorou para que Aiden achasse o que procurava, terminasse de abrir o compartimento e ligasse o carro. O veículo era preto e tinha uma

caçamba, por isso, só havia dois lugares no carro: o do carona e do motorista, na frente.

Depois de ligar o carro, Aiden foi me ajudar com as garrafas. Ele passou a enchê-las, enquanto eu colocava as coisas no carro. Tudo ficou pronto em mais ou menos uma hora e meia. Tínhamos algumas garrafas que davam uns bons litros de combustível.

Terminei de colocar as garrafas no carro e ia dizer para o meu irmão que estava tudo no lugar, mas o ouvi ele discutindo com alguém. Talvez por intuição, não me revelei e me esgueirei para perto de outro carro. Vi Aiden de frente para um grupo de cinco pessoas.

Eles estavam conversando, a princípio. O grupo era composto por duas mulheres, uma parecia ter trinta e poucos e a outra, uns vinte e cinco, e três homens, o mais velho aparentava ter quarenta, o mais novo, uns vinte e três e o do meio, uns trinta e sete. Todos com as roupas meio rasgadas e sujos de fuligem.

Aiden parecia negar algo e estava alternando o peso do corpo entre um pé e outro, em sinal de nervosismo. Assim que meu irmão balançou a cabeça em negação pela segunda vez, o homem mais velho deu um soco no rosto dele fazendo com que meu irmão caísse no chão, inconsciente.

Olhei assustada para o grupo que passou correndo por mim em direção ao carro com a gasolina. Eles subiram no veículo, deram a partida e foram embora, levando todo o nosso trabalho. Quando eles viraram a esquina, sumindo de vista, me virei correndo para o Aiden. Estava desmaiado.

Não entendia o que estava acontecendo. “Porque aquelas pessoas atacaram meu irmão e levaram o carro?” Falei para mim mesma, confusa e com raiva daquelas pessoas.

O sol estava a pino e fazia um calor insuportável, que não condizia com aquela época do ano, normalmente.

Não podia deixar meu irmão ali no meio da estrada. Segurei seus braços e o arrastei, com dificuldade, para uma das lojas da calçada que estava mais próxima.

Ele tinha um corte pouco acima da sobrancelha; não era grande ou profundo, mas sangrava mais do que eu imaginava. O desespero estava tomando conta. Me obriguei a manter a calma e lembrei que aquela região era

altamente vascularizada, por isso o sangue, e, por isso, não era motivo para me desesperar. Ainda assim, era melhor colocar alguma coisa ali. Rasguei um pedaço da camisa e amarrei ao redor da cabeça dele. Não era muito, mas era melhor que deixar o machucado exposto.

Não podíamos perder tempo. Me levantei e, enquanto Aiden descansava, comecei a recolher as garrafas que eu não tinha tido tempo de colocar no carro e a fazer de novo tudo o que tínhamos feito antes.

CAPÍTULO 4

“Onde estou?”. Pensei tentando me lembrar da última coisa que vi antes de pegar no sono. O lado esquerdo da minha cabeça doía e eu me sentia tonto. Quando abri os olhos e me vi deitado ao lado de um manequim feminino, vestido com um vestido preto e um xale azul e branco. Lembrei onde estava. Aqueles caras tinham me nocauteado e provavelmente tinham roubado o carro.

Eles tinham aparecido de repente e me cercaram. Viram que eu tinha recuperado o carro e pretendia ir embora. Provavelmente, assim como nós, eles eram pessoas que não tinham conseguido entrar em uma nave libélula para escapar.

Eles, a princípio, pediram para irem junto conosco, e eu neguei. Eles insistiram e, quando eu neguei de novo, o homem barbado e de olhos duros cerrou o punho e, em segundos, eu estava no chão, sangrando e perdendo a consciência.

Não tínhamos espaço para eles e os suprimentos no carro... E os suprimentos, com certeza, não durariam o caminho todo, se eles fossem conosco. Mas, o mais importante: não confiava neles perto de mim e da Sanna.

“Sanna...Sanna! Onde ela estava? Será que a tinham levado também?” Já estava escuro do lado de fora da loja.

Me levantei o mais rápido que pude, ignorando as marteladas que sentia no meu crânio. Olhei em volta, procurando a pequena figura de longos cabelos castanhos, calças jeans, casaco preto, camisa e tênis brancos. Fiquei tonto, minha visão embaçou e eu me escorei na parede para recuperar o equilíbrio.

Senti alguém segurar meu braço direito. Minha visão voltou aos poucos e percebi que era minha irmã. Fui tomado de alívio, quando vi seu rosto iluminado pela lanterna. Ela estava com uma expressão preocupada.

-Aiden, calma! Não se esforce.- A voz dela era gentil, mas não deixava brecha para negação. Por mais gentil que fosse, aquilo era uma ordem; não uma sugestão. Obedeci. Coloquei as costas na parede e me deixei escorregar de volta ao chão. O tom de voz dela me lembrou a nossa mãe: ela usava esse mesmo tom gentil, mas enfático.

- Fiz um curativo improvisado no seu corte, apesar de não ser profundo. Como está a cabeça? - Perguntou ela.

Por mais que estivesse feliz em vê-la bem, percebi que ela parecia meio diferente. “Ela estava preocupada? - Pensei”. “Não. Acho que culpada ou envergonhada por algum motivo”, conclui.

-Dói um pouco mais do que eu gostaria que doesse.- Falei, dando de ombros. O que me arrependi de ter feito assim que o movimento repentino trouxe de volta o martelar dentro da minha cabeça.- E você? Parece que não está tão bem.

Os olhos dela ficaram levemente sombrios, parecidos com os olhos de quando eu a tinha achado em frente a nossa casa. “Felizmente agora eles estavam apenas levemente sombrios”, pensei, “porque antes eles pareciam buracos negros que sugavam toda a cor e toda a luz do mundo ao redor”. Naquele dia, quando ela percebeu quem eu era, a escuridão em seu olhar se dissipou, mas não completamente. Imagino que os meus olhos tivessem ficado da mesma forma, depois que vi os meteoros chegando e saí para buscá-la na biblioteca e não a encontrei.

-Eu tô bem.- Ela garantiu, mas aquelas palavras estavam sem convicção. Ela forçou um sorriso.- Eu até consegui mais gasolina e achei um carro que deve estar funcionando...

Percebi, pela primeira vez, que tinham três garrafas grandes de um líquido cor âmbar perto do manequim. Fiquei espantado ao notar que ela tinha conseguido juntar tudo aquilo e ainda tinha cuidado de mim enquanto eu dormia.

Ela colocou o braço do outro lado do corpo. Parecia querer esconder algo.

-O que tem aí atrás.- Não me demorei a perguntar. Ela pareceu surpresa, mas por pouco tempo. Depois ela ficou com o rosto vermelho e se encolheu de vergonha.

Levando a mão ao lado do corpo, ela tirou, devagar, uma faca de cozinha. Tinha sangue nela.

-O que aconteceu? -Indaguei, espantado com o objeto que ela segurava e o aspecto que ele apresentava.

-Tive medo que os caras que pegaram o carro voltassem, ou que outros como eles aparecesse. Então fui à cozinha de uma das lojas e peguei a faca.- Ela parecia triste e envergonhada com alguma coisa... alguma coisa que ela não tinha dito.

-E se machucou com a faca? Ou aconteceu outra coisa?

Parecia que ela queria se afundar na parede. Não queria fazê-la se sentir mal, mas se tinha acontecido alguma coisa eu tinha que saber.

-Eu já tinha terminado de pegar o combustível... estava procurando algo para comer na loja aqui em frente, quando apareceu uma mulher... com um pedaço de cano. Ela ia pegar as coisas que tínhamos juntado. Falei para ela ir embora, mas ela não me ouviu, mesmo eu estando com a faca... A mulher continuou a se aproximar e, por notar que eu estava tentando te proteger, foi para cima de você com o cano.

Ela parou de falar e levantou os olhos, visivelmente abalada. A voz estava falha e dava para sentir toda a culpa que minha irmã sentia.

- Eu saltei em cima dela com a faca. Eu senti a carne cedendo e o sangue dela escorreu muito. Ouvi-a gritar.- Sanna cobriu as orelhas com as mãos e balançou a cabeça de um lado para o outro.- Ela ficou surpresa quando viu o sangue e saiu correndo... Acho que ela pensou que eu não ia atacar de verdade. Não sei se atingi um ponto vital... ou se foi de raspão, só sei que foi o bastante para ela ir embora. Sei que não foi errado eu tê-la esfaqueado, afinal ela iria te machucar, mas... eu não queria ter que fazer esse tipo de coisa.- Seus olhos ficaram cheios d'água e vi que ela não se arrependia de ter feito aquilo, pois era para nos proteger. Mas, ter esfaqueado, e talvez matado aquela mulher, era algo pesado demais para uma criança da idade dela carregar- Queria que o mundo como está não precisasse que eu fizesse isso para nos manter... vivos. Ela disse, por fim.

Fiquei atônito por alguns segundos.

Percebendo o peso do que ela me disse e o que ela podia estar sentindo, a puxei para perto e a abracei. Ouvi-a soluçando e senti os pequenos ombros tremendo.

Ficamos assim até que ela adormecesse.

Nunca imaginei que a Sanna, a minha irmãzinha tão alegre e inocente, tão despreparada para lidar com esse mundo caótico, tivesse que esfaquear

alguém para manter a mim e a ela seguros. Sempre imaginei que, se um de nós tivesse que fazer algo assim, essa pessoa seria eu! Sabia que estava disposto a fazer isso por nós, por ela. Na verdade, se fosse para nos manter seguros, estava disposto a fazer coisas muito mais drásticas.

Abraçando o seu pequeno corpo adormecido o mais forte que podia, sem acordá-la, como se esse simples gesto fosse o bastante para mantê-la segura de todos os males do mundo, fiquei me culpando. “Como podia ter sido tão idiota e despreparado? Como podia ter deixado com que aquele desconhecido me nocauteasse? Como deixei que ela tivesse que me proteger?!” Ela era uma pessoa tão doce e inocente, o tipo de inocência que a tornava despreparada para o mundo.

A partir daquele momento tomei uma decisão: não poderia deixá-la sozinha. Não podia deixar que se aproveitassem dela. Não podia descansar até que tivesse certeza de que ela estivesse bem e segura. Custasse o que fosse!

CAPÍTULO 5

Sanna estava certa em relação ao carro: ele estava em boas condições. Tinha um grande amassado na parte de trás e algumas partes da pintura prata estavam arranhadas, mas, fora isso, estava inteiro e funcionando.

Passei alguns minutos lutando contra as fiações e tentando fazer com que o carro ligasse. Essa não era para ser uma tarefa muito difícil, porque eu já tinha feito isso no outro carro, mas a dor de cabeça constante deixava os meus pensamentos confusos. Teríamos que buscar mais comida e água nas lojas para levar na viagem e decidimos fazer isso depois de verificarmos se ninguém poderia roubar o carro de novo.

Vi algumas pessoas e, por sorte, nenhuma delas tentou se aproximar.

Levou a manhã toda para finalmente saímos da cidade e irmos para nosso destino, ao norte.

Os preparativos não foram o que nos atrasou, mas sim as ruas obstruídas, bloqueadas ou destruídas pelos escombros, corpos e meteoros.

Admito que demorei um pouco para me acostumar com os mecanismos do carro. Ele era de um modelo totalmente diferente daquele no qual eu tinha aprendido. Mas, lembrei de um livro sobre carros e por sorte esse modelo era um dos mencionados.

Ter que ir e voltar pelas ruas e limpar os caminhos, quando fosse possível, isso sim foi uma luta.

Em uma das vias foi particularmente difícil.

Nós dois tivemos que sair do carro para tirarmos os pedaços de concreto e de placas que estavam na pista. O suor escorria pelo meu rosto e o sol anormalmente quente não ajudava. Quando terminamos, estávamos ofegantes. Os músculos dos meus braços e pernas estavam queimando; minhas mãos estavam quase em carne viva por levantar, jogar e levar concreto, canos de metal ásperos, e outras coisas, de um lado a outro. O corte na minha cabeça não parava de latejar e doer.

Voltamos ao carro, exaustos, e nos deixamos descansar nos bancos da frente, enquanto esperávamos os músculos pararem de arder. Os bancos de trás estavam com a carga e não tinha espaço para deitarmos. Fizemos uma

pequena refeição de barras de cereal, algumas frutas que conseguimos achar e água. Não era nenhum banquete, mas era o suficiente para não passarmos fome. Tínhamos que racionar a comida, pois não sabíamos quando ou se iríamos achar alguma depois.

Sanna percebeu as escoriações e pequenos cortes na minha mão e, sem perguntar ou pedir, colocou um pano ao redor das feridas. Ela só cuidou dos próprios ferimentos depois que eu insisti. Senti-me cativado pela atenção dela pelas pessoas. Era assim desde que éramos pequenos. Minha irmã realmente se importa com os outros ao seu redor e é surpreendente como ela é perceptível: mesmo eu não tendo reclamado uma vez sequer, ela notou que tinha um problema. Sanna é o tipo de pessoa altruísta, que gosta de ajudar.

O dia ia ficando um pouco menos quente, conforme o sol baixava.

Tinha algo me incomodando, mesmo antes do desastre. Essa sensação somente se intensificou após a Chuva de meteoros. Algo estava errado! Algo que estava bem na minha cara, mas eu não sabia o quê.

Durante a viagem, havia períodos em que eu e minha irmã conversávamos e períodos em que ficávamos em completo silêncio. Era nesses momentos de silêncio que eu tentava descobrir o que estava deixando passar.

Foi na noite do terceiro dia, depois de termos passado por postos de gasolina vazios e cidades quase desertas. Eu estava acordado, montando guarda, enquanto Sanna dormia. Aproveitei esse tempo para direcionar o pensamento sobre esse incômodo constante. Revi tudo pelo que passamos e tentei lembrar de qualquer coisa que pudesse ajudar. Prestei atenção aos detalhes, como meus mentores haviam me treinado no curso de astrofísica avançada.

E naquele momento eu percebi o que tinha de errado: **o calor!**

Pareceu estranho que o calor fosse o que me inquietava nessas circunstâncias, mas estava anormalmente quente! “Isso está assim desde antes dos meteoros”, lembrei. Esse período do ano não era o da estação mais quente e o calor superava, em muito, aquele que fazia na estação mais tórrida, a qual sequer havia chegado.

Lembrei de teorias que tinha estudado profundamente, nas simulações que fazíamos no laboratório, e fiz os cálculos, buscando saber o porquê estava tão quente e o porquê esse fato me incomodava...

Existiam muitas possibilidades, em uma primeira análise, contudo, a maioria foi rapidamente descartada por furos já detectados por outros estudiosos. Finalmente, consegui delimitar as teorias que mais se encaixavam com a situação que estávamos passando. A mais assustadora, é claro, envolvia os meteoros.

Achei muito estranho a chuva de meteoros e o calor estarem ocorrendo quase ao mesmo tempo. E as equações mostravam que eu poderia estar certo! Havia grandes chances de o que quer que estivesse fazendo a temperatura no planeta subir desse jeito, ter trazido os meteoros e ter feito com que as defesas espaciais mundiais tivessem falhado em detectá-los e em detê-los. Era provável que fosse uma anomalia ou fenômeno espacial.

“Não pode ser...”. Pensei.

Tenho ciência de que sei muito mais que a maioria das pessoas. Nasci assim. E meus pais sempre nos apoiaram a desenvolver plenamente nossas capacidades. A minha era analítica. E eu amava livros. Mas, por mais que a conclusão a que cheguei fosse plausível, e mesmo que eu realmente tivesse conhecimentos profundos sobre o assunto, o fato é que eu ainda era um garoto de dezessete anos.

Desejava com todas as minhas forças que eu estivesse errado. Porque, se eu estivesse certo... “Não! Não faz sentido pensar em teorias e possibilidades assustadoras. Tenho que lidar com a realidade; com o aqui e agora.” - Disse para mim mesmo.

E, nesse caso, o agora se referia a trocar de turno com minha irmã para poder dormir. Queria ficar acordado de vigia no lugar dela, mas estava cansado e tinha que estar bem para poder dirigir no dia seguinte. E não podíamos ficar desprotegidos.

-Ei, Sanna.- Chamei baixinho e balancei o ombro dela para acordá-la.

-Huum...- Ela resmungou, se encolhendo no banco ao meu lado.- Que foi?

- Sua vez de ficar acordada.

-Ok.- Ela se mexeu no banco e se levantou devagar. Ela esfregou os olhos cansados e me passou o casaco que estava usando como travesseiro, sorrindo.- Boa noite.

Retribui o sorriso e me ajeitei para dormir.

Fiquei pensando nas teorias e equações que tinha visto até que cai no sono, determinado a não pensar mais nisso até que tivesse mais provas.

CAPÍTULO 6

Fazia algumas horas que eu estava acordada. Não sabia bem o porquê tinha que ficar vigiando. Estávamos a pelo menos alguns quilômetros de qualquer cidade.

Mesmo cansada, ficar acordada era um alívio.

Toda vez que dormia, pesadelos tomavam conta da minha mente. Eles não eram muitos, mas o principal e mais recorrente era sobre a mulher que eu esfaqueei.

Sentia certo remorso por feri-la, já que nunca quis fazer algo assim. Foi legítima defesa! Ela teria matado o Aiden e a mim para pegar as nossas coisas, só para impedir que fôssemos um problema futuro. Vi isso nos olhos dela. O que mais me atormentava era que uma situação como aquela podia se repetir e eu podia não ser capaz de me defender e defender o meu irmão, se ele precisasse de novo.

Esse foi o motivo que me fez manter a faca e passar a treinar golpes sempre que possível e em qualquer lugar que eu pudesse: um galho ou um tronco de árvore, na sua maioria. Não me tornaria faixa preta em luta com facas de cozinha, se é que isso existia, mas era melhor que nada.

Aiden não pareceu perceber o meu “treinamento”, mas eu tinha percebido o dele. Aparentemente tivemos a mesma ideia, ele só não era muito bom em fazer essas coisas em silêncio.

Disparei um golpe atrás do outro, tentando imaginar que a árvore estava revidando os ataques. Golpeei um ombro direito de um oponente imaginário, depois me esquivei de um contra-ataque, que passou por cima da minha cabeça, e deixou uma abertura para que eu acertasse o abdômen do oponente imaginário com tudo.

Estava cansada e suava, quando o sol ameaçava aparecer, lançando raios de luz pálida no céu escuro da noite.

Meu irmão tinha dito que assim que começasse a clarear eu tinha que acordá-lo para seguirmos viagem, “se bem que isso está mais para uma jornada ou busca por sobrevivência do que viagem” - pensei.

Ele estava com olheiras, que ficavam ainda mais evidentes na pele pálida. Tínhamos nos esforçado muito nos últimos dias.

-Aiden... ei, Aiden.- Chamei-o, enquanto arrumava as coisas e ajeitava o meu banco.

Como era costume, ele levantou rapidamente sem reclamar. Parecia que tinha ficado acordado a noite toda. Ele tinha dormido, eu sabia, mas tinham sido horas mal dormidas, eu percebi. Vi que ele tinha demorado para adormecer e teve pesadelos durante a noite.

Entreí no carro para comermos um pouco e partimos, quando o sol estava surgindo no horizonte à direita.

Fiquei observando a vista, o nascer do sol, que tingia o céu de cores vivas, as poucas plantações nas fazendas que, milagrosamente, ainda tinham sobrado, assim como fazia em todas as viagens. Quase todas os campos estavam queimados ou com crateras.

Apesar dessa lembrança constante da “Chuva”, como tínhamos passado a chamar o dia da catástrofe, a paisagem ainda era, de certa forma, bonita. O céu colorido iluminando os campos e as crateras com uma luz alaranjada. As plantações que tinham sobrado balançavam com o vento da manhã.

Observei os arredores, enquanto minha mente se distanciava e meu corpo e eu adormecia para compensar as horas em claro da noite anterior.

Acordei com a buzina do carro.

Fiquei alerta imediatamente e olhei para o banco do motorista. Aiden estava adormecido e com a cabeça no volante. “Ele deve ter adormecido no volante”, foi o primeiro pensamento óbvio que me ocorreu. Só aí notei o poste para o qual o carro estava se dirigindo.

Tudo aconteceu muito rápido, por incrível que pareça.

Senti o impacto me balançando como uma boneca de pano. Por um instante, o mundo pareceu ficar em câmera lenta. Vi os cacos de vidro voando em nossa direção. Coloquei os braços na frente do meu rosto instintivamente e fui jogada brutalmente para frente, apenas tendo o movimento interrompido pelo cinto. Desmaiei.

Não fiquei inconsciente por muito tempo. Acordei toda dolorida. Percebi que conseguia me mexer e então saí do carro.

O capô estava destruído. Mesmo que um de nós dois soubéssemos consertar o carro, duvidava que tivéssemos os materiais e ou tempo necessário para isso.

Estava tonta e minha mente trabalhava devagar. Me obriguei a ir para o outro lado do carro. Abri a porta e notei que meu irmão já tinha acordado e estava se recuperando da batida. Ele olhou para mim, quando ouviu a porta abrir.

-Sanna. O...O que houve?- Ele deve ter batido a cabeça com mais força do que imaginei.

-Batemos o carro.- Informe-me desanimada. Estávamos seguindo em um ritmo alucinado para adiantar o caminho e agora teríamos que fazer o resto a pé, o que poderia levar dias.- Não podemos seguir dirigindo.

O rosto dele ficou tomado de desapontamento consigo mesmo e de desespero, quando entendeu o que ouviu.

Gastamos algumas horas para nos recuperarmos e colocarmos o que podíamos carregar em grandes sacos de ginástica que tínhamos encontrado antes.

Aiden era contra, mas eu insisti que colocássemos curativos nos cortes de vidro. Nenhum era profundo e a única coisa mais séria foi o meu braço. Apenas notei o estado do meu braço, quando relaxei e a adrenalina parou de circular pelo meu corpo. Foi quando o braço direito começou a doer tanto que quase chorei. Não era fratura, eu sabia, mas era pior que uma simples contusão. Aiden achou melhor imobilizar com um pedaço de metal retirado do carro e pano.

-Ai, DROGA! -Gritei. Ele podia ser muito esperto, mas não era tão delicado assim.

-Foi mal.- Ele se desculpou. Estava com as sobrancelhas franzidas de concentração. Vi também traços de culpa no rosto do meu irmão.- Queria ser melhor nesse tipo de coisa.

-Tudo bem. Ia doer de qualquer jeito. -Murmurei entre dentes e com os olhos cheios d'água.- Eu não consigo arrumar o meu braço sozinha. Pena que não foi o esquerdo.- Acrescentei brincando e sorrindo. Ele me olhou e um leve sorriso apareceu em seu rosto.

Depois de cuidar do meu braço, ajudei o máximo possível. Carregava sem jeito as coisas de um lado para outro e procurei encher as sacolas com o outro braço.

Com os panos que tínhamos usado antes fizemos uma espécie de capuz para nos proteger do sol e do calor. Decidimos seguir a estrada e parar na cidade mais próxima. Talvez conseguíssemos achar um outro carro ou, quem sabe, uma nave. Caminhamos sob o sol escaldante, sob o asfalto que refletia o calor. Percebi bem rápido que as capas improvisadas não protegiam muito bem do calor.

As sacolas eram um peso adicional que tornava tudo mais difícil. Eu sabia que ficaria grata por elas mais tarde, quando parássemos para comer e beber. Me concentrei no próximo passo. Pensei apenas em pôr um pé na frente do outro, tentando me abstrair do calor excessivo e da secura na minha garganta, depois de apenas meia hora caminhando.

“Próxima é o escambau!” Vociferei mentalmente, amaldiçoando o mapa por fazer parecer que a cidade estava tão perto de nós. “Se andarmos em um ritmo constante, e pararmos apenas uma vez e por pouco tempo, chegaremos no meio do dia seguinte”.

Decidi pensar em outras coisas. Ocupar a mente para não pensar nem no calor, nem na dor no meu braço, que sentia aumentar a cada passo.

O engraçado é que tinha quebrado o mesmo o braço anos antes.

Por volta dos meus cinco anos, eu tinha ganhado um patinete de aniversário. Adorei o presente, mas era período escolar e não tinha tempo de andar nele. Quando finalmente tive tempo fiquei o dia todo subindo e descendo a rua, indo cada vez mais rápido à medida que ganhava confiança. Em uma das descidas, o patinete travou por causa de uma pedra e eu sai voando por cima dele. Isso nem foi o pior. O pior foi que eu caí em cima do meu braço, que estava dobrado. Fiquei um tempo ali chorando de dor. Foi o meu irmão que me levou para dentro de casa. O papai não achava que meu braço estivesse quebrado e me fez segurar um galão de produto de limpeza, o que só piorou as coisas. Assim que minha mãe chegou, percebeu que a situação era feia. Ela brigou com meu pai por não ter me levado no médico imediatamente. Arrependido ele me levou no dia seguinte e o médico ainda engessou errado. Minha mãe é quem me levou em um médico competente e que teve que

quebrar o osso, de novo, e colocá-lo no lugar. Doeu pra caramba, mas deu uma boa história para contar.

Passei um bom tempo lembrando os acontecimentos da minha infância. Momentos felizes foram os que escolhi para lembrar, mas isso não impediu os tristes de aparecerem na minha cabeça.

-Certo.-Aiden falou em voz alta, chamando minha atenção. Ele tinha parado alguns passos atrás de mim.-Hora de parar para um breve descanso.

Notei que estava escurecendo. Sabia que tinha andado por muito tempo, mas não percebi que era tanto. Meus pés doíam muito, muito mesmo! E eu estava fedendo a suor.

-Não vamos dormir mais do que duas horas.- Ele informou.

-O que!?- Exclamei surpresa. Ele devia estar tão exausto quanto eu, se não mais, já que ele era menos resistente que eu.- Estamos andando a horas!

Ele me encarou.

-É mais vantajoso viajar à noite, que é mais frio, que de dia, que está um calor insuportável. -Explicou ele e colocou a mochila no chão. Eu fiz o mesmo.

Tiramos uma garrafa, alguns amendoins e as poucas frutas já passando do ponto. Comemos em silêncio e nos abrigamos debaixo de algumas árvores retorcidas e sem galhos, mas que ofereciam proteção contra olhares de outras pessoas, desde que não estivessem procurando especificamente por nós...

Desta vez, ninguém ficou de guarda.

CAPÍTULO 7

Era quase nove horas da manhã, quando avistamos a placa que indicava que estávamos perto da cidade. Contudo, foi só ao meio dia que finalmente conseguimos chegar. Não parecia ter ninguém por perto. Muitos prédios estavam caídos e havia mais meteoros e crateras que na minha cidade. “A Chuva parece ter afetado mais aquela área”.

Paramos em um cruzamento com prédios residenciais e lojas.

-Vamos parar por aqui.- Disse, olhando para a pequena figura ao meu lado.- Amanhã veremos se achamos um carro. Por hora, vamos entrar aqui.- Minha irmã apenas assentiu.

Entrei no prédio que estava ao nosso lado e dei uma boa olhada no interior. Tinha um enorme buraco no teto, que se estendia para todos os andares de cima e dava visão para o céu. Cogitei mudar de edifício, mas pensei que se aquele não tinha caído em cinco dias, era baixa a chance de ele cair agora.

Não tinha móveis, nem paredes. A única coisa que quebrava a monotonia das paredes lisas do andar em que estávamos, era uma porta de ferro com uma placa informando que ela dava acesso às escadas que conectam os andares.

Sanna passou por mim com o passo falho e se dirigiu ao canto da parede oposta. Ela mal parecia perceber o imenso buraco no teto. Certamente, esse era um dos efeitos da longa caminhada. Me juntei a ela com as costas apoiadas na parede. Estávamos exaustos, com os músculos doloridos e fedendo. Essa situação não ajudava em nada a manter um bom humor.

Por mais que não quisesse fazer nada além de ficar parado, esperando o meu corpo parar de doer, tentar enganar a fome, que parecia corroer minhas entranhas, e a sede, que deixou minha garganta tão seca quanto o deserto, eram pior. Tomei alguns goles de uma das garrafas e devorei dois dos sanduíches quase sem sentir o gosto deles. A sensação de ter algo no estômago e de sentir a água descendo pela garganta ressecada era maravilhosa.

Esse alívio temporário trouxe minha atenção de volta para a menina encolhida ao meu lado. Ela parecia quase em paz. Como se estivéssemos apenas descansando na biblioteca de escola depois da aula, esperando nossos pais nos buscarem, como já tínhamos feito tantas vezes. Essa imagem era completamente estragada pelo rosto, pelas roupas sujas e pelo buraco no teto do prédio.

Ela devia estar com fome.

-Hora de comer.- Cutuquei-a com a garrafa. Ela se levantou com certo custo e abriu o zíper da sacola onde estava a comida.

Ela parecia meio desinteressada, no começo, mas assim que deu a primeira mordida no primeiro sanduíche, começou a abocanhar um pedaço seguido do outro. Não deve ter demorado nem dois minutos para que ela terminasse a diminuta refeição. Meu coração se apertou por ver o estado em que ela se encontrava, mesmo eu não estando melhor.

Sabe, quando me perguntaram o que seria do meu futuro, nunca pensei que fosse assim que estaríamos: completamente sujos por causa da fumaça que quase nos matou sufocados; com fome e tendo tão pouca coisa para comer; com as forças exauridas pelo esforço de sobreviver mais um dia e continuar na jornada e... órfãos.

-Podemos estar mal, mas não estamos sozinhos.- Sanna falou. Ela me encarava com um olhar triste e determinado e com um pouco de gratidão evidente. Esse olhar e essas palavras me fizeram sentir um pouco melhor. Ainda me espantava com a forma com que ela parecia saber exatamente o que eu estava pensando ou escondendo. - Vamos lutar um pelo outro e não vamos nos separar, mesmo nesse caos.- Era como se ela soubesse exatamente o que dizer. Acho que é porque ela dizia sempre o que imaginava que iria querer ouvir, se estivesse na situação de quem ela tentava confortar.

-Vamos ...- Concordei e assenti com a cabeça, apoiando-a na parede dura.- Papai me daria a primeira e a maior surra da minha vida se eu a deixasse sozinha e não a protegesse - Disse.

-Verdade.- Um meio sorriso surgiu nos nossos lábios dela.- Fariam o mesmo comigo.

Sanna ficou em silêncio e eu me ajeitei entre a sacola e a parede.

Minhas pálpebras pesavam, eu estava adormecendo. Me deixei levar por aquela escuridão aconchegante e conhecida.

Mais uma vez eu me vi em pé na sala de casa, com a TV em cima do móvel a minha frente, o sofá atrás de mim, a estante de livros perto da parede à direita e a janela ao lado dela.

Tudo estava normal.

Era sábado, então Sanna estava na biblioteca da cidade e os nossos pais estavam trabalhando meio turno.

Mamãe era médica e papai estava na pequena empresa dele.

Ambos deviam estar a caminho de casa agora.

Não tinha nada com que me preocupar, além do dever de casa que tinha que entregar segunda-feira. E esse dever eu iria deixar para fazer domingo.

Aquela típica letargia de sábado de manhã estava quase visível no ar.

Daqui a um mês eu iria fazer as últimas provas do ano, o que nos deixaria livres para ir para a casa da cachoeira.

Aquela casa não era nossa, mas a gente sempre alugava nesse período, porque era quando papai e mamãe estavam de folga do trabalho. As lembranças daquela casa era as únicas coisas que ocupavam minha mente naquele momento.

Um som de uma sirene ao fundo ia ficando cada vez mais alto até me tirar dos meus devaneios e se tornar o som mais intenso que havia do nosso bairro inteirinho.

Levantei um pouco atordoado, olhando ao redor.

A sirene era do sistema de segurança da cidade e indicava que algo ruim estava acontecendo.

Meu olhar se prendeu na janela por onde eu podia ver o céu.

Havia meteoros caindo em direção à cidade.

O céu estava literalmente caindo.

Tinha que ir para um abrigo - pensei.

Estava começando a correr em direção à porta quando lembrei... Sanna! Ela estava na biblioteca! Lá tinha um dos abrigos da cidade, mas ela não podia ficar sozinha.

No hospital tinha outro dos abrigos. A mãe trabalhava lá e a pequena empresa do papai ficava por perto.

Peguei o celular às pressas e digitei uma simples mensagem para os meus pais: “Sanna está na biblioteca. Vou para lá. Melhor ficarem no abrigo do hospital. Nos encontramos depois.” Enfiei o celular no bolso e sai correndo para a biblioteca.

Cheguei ofegante no imenso prédio. Ou era assim que devia ser, pois um enorme meteoro estava em cima dos destroços do prédio antigo.

Não podia ser. “Sanna estava lá dentro” - pensei. Ela não podia ter morrido!

O meu celular vibrou e tocou uma vez, mostrando que eu tinha recebido uma nova mensagem. Destravei o aparelho. Desespero estava me consumindo e a única coisa que estava me mantendo firme era a esperança de que aquela mensagem fosse da minha irmã.

Soltei no ar nos meus pulmões de tão aliviado. A mensagem era dela e dizia: “O que está acontecendo? O céu está desabando em cima da gente. Não sei o que fazer! Vou para casa.”

O alívio que senti se esvaiu completamente. Achei que ela estivesse no abrigo. Nossa casa não era segura naquele momento.

Dei meia volta e sai em disparada. Corri mais rápido que achei ser humanamente possível e o único pensamento que tinha era ir para casa, pegar Sanna e irmos para um dos abrigos.

Desviei de carros, de pessoas, de crateras e não sei mais de que. Mas, não fui rápido o bastante para desviar de uma placa meio inclinada que barrava meu caminho. Dei de cara com a superfície de metal e cai de costas no chão. Perdi todo o ar e minha visão ficou borrada. Os sons estavam se distanciando e eu estava no limiar da consciência. Queria me levantar, mas os músculos não obedeciam. Tentei me manter acordado, mas em vão. Desmaiei.

Acordei completamente alerta e sem noção do tempo. Olhei em volta. Os incêndios tinham cessado e as pessoas não corriam, nem gritavam mais. Me levantei e voltei a correr.

Virei na rua de casa, procurando pela minha irmã. Vasculhei em volta, mas não a vi. Então, meu olhar caiu onde deveria estar a nossa casa... Vi apenas uma estrutura de concreto enegrecido pelo fogo e pela fumaça. A casa estava parcialmente destruída!

Senti lágrimas escorrerem pelo meu rosto e embaçarem minha visão.

Uma pontada minúscula de esperança me atingiu, quando lembrei do celular. Chequei as mensagens. Nenhuma da Sanna. Talvez nossos pais tenham mandado alguma mensagem. Mas, as que encontrei acabaram com a minha esperança e me deram uma notícia pior do que eu imaginava: meus pais além de não terem visto minha mensagem anterior, enviaram-me um áudio... “Onde vocês estão?!” Era a voz da minha mãe. Dava para ouvir a voz dela tremendo de medo e de desespero. “Eu e seu pai estamos em casa, mas não encontramos nem você, nem a Sanna! Se ouvir essa mensagem, ache sua irmã e vá para o abrigo mais próximo e nos encontre em casa depois!”

“Aiden cuide da sua irmã até que nos encontremos. Como irmão mais velho, esse é seu dever!” A voz do meu pai estava mais calma que a da mamãe, mas ainda ouvia a nota de pavor. “Não se separem. Sabemos como ela é avoada e quanto precisa de atenção.”

Agora, os dois falavam juntos: “Nós amamos os dois.”

Depois disso ouvi gritos seguidos de uma explosão.

Liguei para os meus pais, porém a próxima coisa que ouvi foi a voz da caixa eletrônica: “O número chamado está fora de área.”

Eles tinham voltado para nos procurar! Eles estavam dentro de casa, quando um dos meteoros a atingiu e ela foi destruída pelo impacto e pelo fogo. E, ao que parece, Sanna não tinha saído da biblioteca a tempo!

Eu estava sozinho.

Uma fenda se abriu no meu peito. Tão profunda e extensa que me levaria com ela. Queria gritar para ver se aliviava a dor, mas eu não conseguia. Fiquei ali parado, com o celular na mão e com lágrimas umedecendo o rosto.

De repente, uma sensação de queimação preencheu o vazio que sentia. Primeiro aos poucos, como uma torneira pingando, depois, como uma torrente de fúria incontrolável! Era como se tivesse se formado um mar de chamas furiosas dentro de mim: Ódio. Essas chamas queimavam todo e qualquer pensamento racional. Só queria fazer alguém pagar, qualquer um, pelo que tinha sido tirado de mim, mesmo que eu me destruísse nesse processo.

A ira dentro do peito teve uma repentina e inexplicável queda. Não sei o porquê, mas eu olhei ao redor, como se a resposta fosse estar enterrada sob o concreto. Vi um movimento nos destroços, perto do portão de casa, que atraiu minha atenção.

Era uma pessoa. Ela estava deitada, mas tive a impressão que se erguia para sentar.

Os cabelos castanhos que iam até o meio das costas e o casaco preto denunciaram quem era: Sanna! Ela está viva!

Corri em direção a ela para ver seu rosto e confirmar que era ela. Era sim! Era minha irmãzinha. Mas, por alguma razão não senti júbilo por tê-la encontrado viva. O que senti foi um leve alívio que apaziguou um pouco a minha fúria. Eu sabia que esse sentimento não estava extinto e algo me dizia que ele nunca mais iria embora.

Ajoelhei-me ao lado dela e a abracei. Fiquei assim por um bom tempo até notar que tinha algo errado: ela estava fria e mole.

Afastei-me e a observei: a pele estava mais pálida que o normal, os olhos vidrados, não havia respiração. Ela estava morta.

CAPÍTULO 8

Acordei sobressaltado. Tinha sido apenas outro pesadelo.

Sanna estava viva.

Respirei fundo algumas vezes para me acalmar e controlar a ira que tinha ressurgido.

Tinha revivido “A Chuva” diversas vezes em meus sonhos, mas ao invés de encontrar minha irmã viva, ela sempre morria em meus braços.

Sempre que revivia aquele momento eu acordava me sentindo cada vez mais consumido pela raiva e pelo ódio. Parecia um veneno se infiltrando no fundo do meu ser. Sabia que mesmo que retomássemos nossas vidas em um lugar seguro, eu nunca mais voltaria a ser como era antes. O ódio que sentia desde aquele dia tinha me mudado para sempre.

Tudo estava mais escuro, indicando que já era noite. O vento soprava ao lado de fora, produzindo alguns murmúrios ao passar por portas e janelas. Fora isso, não conseguia ouvir mais nada.

Olhei em volta para me certificar que estava tudo bem, mas, quando olhei para o lugar onde Sanna devia estar dormindo, não vi nada lá.

Desespero, medo e raiva tomaram conta de mim. Levantei às pressas e comecei a andar pelo cômodo, olhando para cima e para a cratera. Fui procurá-la nos outros andares e, conforme subia, passei a ouvir gritos, uns abafados e outros agudos. Ouvi também sons de metal batendo em metal. Passei pelos degraus pulando-os dois de cada vez. Voava pela escada acima. Abria cada porta que aparecia e passava para a próxima, quando não a encontrava.

Acho que foi no quinto andar que a encontrei. Abri uma porta que dava para uma grande sala quase vazia e com o imenso buraco no chão. Ela estava lá no canto da sala, a cerca de dois metros de uma viga de metal que despencou do teto, atravessou a parede e estava precariamente apoiada no chão. Lá estava a pequena figura da minha irmã, iluminada pela lua, a empunhar uma faca de cozinha.

Ela se virou rapidamente, quando entrei na sala e, passados alguns segundos, perguntou: -Quem está aí?- Sanna estava com faca em riste e só a

abaixou aos poucos ao perceber que era eu quem estava à frente da porta.-
"Aiden?"

-O que você está fazendo aqui? - Perguntei, deixando a raiva transparecer na voz.- Porque está com essa faca?

Ela me encarou e, por um instante, pareceu envergonhada e com remorso, o que deu lugar, também, a uma expressão levemente espantada e obviamente ressentida pelo meu tom de acusação. Ficamos nos encarando por alguns minutos.

Após a inicial demonstração de sentimentos contrapostos, suas feições perderam qualquer resquício da vergonha e do remorso.

Conclui que ela não só tinha mantido a faca, como também vinha treinando escondido com ela.

-Porque está com essa faca?! -Repeti a pergunta, quase gritando as últimas palavras. Não sabia o porquê, mas o fato de ela ter mantido a faca me incomodava muito. Era como se evidenciasse minha incapacidade de nos proteger.

-Não posso deixar que você cuide de mim para sempre.

-Não acha que eu possa te proteger?- A pergunta foi mais uma súplica. Afinal, nem eu achava que podia.

Ela me encarou com um olhar sofrido. Sanna sabia o quanto eu queria protegê-la e, de alguma forma, ela também sabia que tentar nos proteger sozinha me fazia sentir inútil e frustrado. Além de que, essa mudança enfatizava ainda mais o fato de que as coisas nunca mais seriam as mesmas.

Ela era por natureza uma pessoa sincera.

-Não. - Irritada por eu ter descontado minha frustração nela, ela respondeu a minha pergunta secamente.

Até hoje não sei direito o motivo da minha reação tão ríspida, naquele momento.

O que ela disse apenas confirmou o que eu já sabia ser verdade: não conseguiria sozinho. Mas, ouvir isso da boca de outra pessoa, principalmente da dela, apenas piorou o meu mau humor e fez ressurgir aquela raiva sem sentido.

Sanna estava realmente magoada com o que eu fiz. Eu não me importei.

-Tanto faz! - Esbravejei.

Sem perceber comecei a pôr tudo o que sentia e havia reprimindo para fora.

- Não importa se não acha que sou forte o bastante, nem esperto o bastante para cuidar da gente; se me acha incapaz de te dar esperança como você me dá! - As palavras saíam cada vez mais alto.- Se pensa que sou desnecessário; que eu é quem devia ter esfaqueado a mulher e não você; SE FUI IDIOTA E NEM SEQUER PENSEI EM VERIFICAR SE NOSSOS PAIS TINHAM VISTO A MALDITA MENSAGEM E LIGAR PARA ELES AVISANDO QUE ERA PARA FICAREM EM UM LUGAR SEGURO!

Aquilo tudo era o que eu pensava de mim mesmo desde “A Chuva” Tudo o que eu remoía dentro de mim; coisas das quais eu me recriminava de ter ou não ter feito. Tudo veio à tona e transbordou.

Lágrimas se formaram nos meus olhos e meu peito ardia em fúria e frustração. Paradoxalmente, também um vazio se abria.

O conflito de emoções era uma agonia.

Aqueles pensamentos sempre voltavam a minha mente. Tentava escapar dizendo que não era minha culpa e que não devia ficar pensando nisso, mas não funcionava.

Sempre me diziam que eu era inteligente, que nasci assim, que eu podia resolver qualquer problema... Então, como eu não pensei em uma forma de salvá-los? Como não fui esperto o bastante para não deixar que minha irmãzinha tivesse que passar por tantas coisas horríveis.

Eu sou o mais velho! Eu devia proteger, não ser protegido.

Algo se quebrou dentro de mim. Não sei se perdi a sanidade naquele momento ou se ela se foi quando percebi que tudo estava acabado. Mas, uma coisa era certa: algo mudou em mim e não foi para melhor.

A ideia que havia brotado antes se fixou na minha mente: punir os que tinham sido responsáveis por essa desgraça.

Naquele momento, tive certeza de que os cálculos que fiz estavam certos! Tinha que descobrir o porquê não fomos alertados a tempo sobre “a Chuva”. Tinha que fazê-los pagar!

Tinha que proteger minha irmã!

CÁPITULO 9

Lá estava eu: em frente ao meu irmão, que parecia tão quebrado por dentro.

Estava atônita com as coisas que ele havia acabado de dizer. Ele se sentia tão mal assim? E vinha escondendo isso de mim. E eu não tinha percebido.

Me aproximei, com passos vacilantes, e o abracei.

Ele soluçava e tremia, mas não deixou escapar uma lágrima se quer. Sabia há algum tempo que ele vinha escondendo alguma coisa, mas não fazia ideia de que era algo assim.

“Porque não me contou?” Não sabia o que fazer. Como poderia ajudá-lo? As palavras que ele disse estavam cheias de tristeza e de fúria tão profundas que me assustavam. A intensidade do rancor que vi em seus olhos e senti em suas palavras eram maiores do que imaginei ser possível alguém guardar.

Segurei Aiden o mais forte que pude. Queria que ele soubesse que não estava sozinho; que nada do que aconteceu era culpa dele; que ele não era nem nunca seria desnecessário; que era o melhor irmão que eu poderia ter; que, apesar de tudo o que aconteceu, ele me protegeu da melhor forma que podia... Queria que ele soubesse de tantas coisas que eu não conseguia verbalizar...

Me afastei e coloquei as mãos sobre os ombros dele.

Busquei no fundo da minha mente, vasculhei tudo o que pude, a procura das palavras certas para confortá-lo.

-Nunca mais diga uma coisa dessas! - Disse, por fim, tentando parecer firme e conter o que estava sentindo: um misto de raiva, de tristeza e de frustração.- Nunca mais diga que é desnecessário, que é fraco, que não é inteligente... Você é necessário, é o mais inteligente que conheço e é uma das pessoas mais fortes que já vi. Aiden... Você é meu único irmão; é a pessoa mais importante para mim. Não vou deixar de cuidar de você... você já me protegeu tanto, sempre cuidou de mim e me deu esperança...

Ele me olhava com espanto. Talvez porque eu não costumava falar de forma tão firme.

-Irmão, você nunca deixou de me proteger e essa é a minha chance de retribuir. Não sobreviveremos se apenas um de nós for responsável pelos dois. Nós somos responsáveis um pelo outro: eu por você e você por mim...

Encarei-o, esperando que minhas palavras o tivessem feito entender. Nunca teria sobrevivido a isso tudo sem ele.

Pareceu que o que eu disse fez algum efeito, pois seu rosto ficou menos distorcido pelos sentimentos que externou...

-Me desculpe.- Respondeu, desviando o olhar.

Ele se virou e foi em direção à porta.

-Temos que seguir caminho.- Ainda se ouvia o tom triste em sua voz.

Por mais que ele procurasse esconder seus verdadeiros sentimentos, eu sabia que meu irmão ainda guardava algo para si.

Da próxima vez que parássemos eu o faria dizer tudo e faria o meu melhor para ajudá-lo.

Entretanto ele tinha razão, tínhamos que ir.

Estávamos do lado de fora do prédio, olhando em volta para ver se achávamos um outro carro.

Diferente da nossa cidade, essa parecia não ter nenhum carro. Pelo menos nenhum que não estivesse debaixo de pilhas de concreto. Também não parecia ter mais sobreviventes. Ainda conseguíamos ver alguns corpos e sangue perto dos blocos de concreto. "Melhor focar no que tenho a fazer".

Fomos de um lado para o outro procurando um carro que estivesse inteiro. Quando chegamos no final da rua nos vimos em uma situação inesperada... Em um segundo estávamos sozinhos e no segundo seguinte estávamos cercados de pessoas completamente fardadas carregando armas de fogo e cassetetes.

Tinham pelo menos quinze pessoas ao nosso redor. Todos estavam com as armas prontas para disparar e nos matar se fizéssemos qualquer coisa que parecesse suspeita.

Eu e Aiden ficamos estancados no lugar, atordoados pela repentina mudança nos acontecimentos.

Aiden se recuperou mais rápido que eu e sabiamente decidiu ficar em silêncio. Ele se colocou à minha frente. Apenas vi seus olhos de relance, mas eles estavam cheios de raiva.

Um homem com roupas de soldado deu um passo à frente. Ele era uma figura imponente de ombros largos e peito estufado. Se tivesse que adivinhar diria que aquele era o líder do grupo.

-Quem são vocês?- A voz dele era grave e forte como o som de um trovão.

Nenhum de nós respondeu de imediato. Isso pareceu irritar o soldado.

-RESPONDAM! - Bradou, com a voz retumbante.

-Sou Sanna. -Me apressei em responder, esforçando-me ao máximo para não gaguejar. Queria parecer mais confiante...- E esse é meu irmão, Aiden.

O homenzarrão assentiu levemente.

-Para que vieram aqui?

-Nossa cidade foi destruída, estamos buscando a cidade que fica próxima à base militar.- Dessa vez Aiden se pronunciou.- Pelas armas e uniformes acho que chegamos.

O homem parecia um pouco pesaroso. Como se não gostasse de algo que estava prestes a fazer.

Ele fez um gesto para seus companheiros. O círculo foi se estreitando e seus soldados se aproximando.

A partir daí tudo aconteceu muito rápido: mãos me agarraram por trás e um saco foi colocado em minha cabeça. Resisti o máximo que pude, porém quem quer que estivesse me prendendo era extremamente forte.

-SANNA! - Aiden me chamou. Tentei responder, mas recebi um soco na boca do estômago. Os gritos foram abafados. Eu ouvia apenas as pessoas andando e dando ordens.

-Andando! - Alguém gritou no meu ouvido.

Não conseguia ver. Só ouvir e sentir as pessoas ao meu redor.

Ninguém nem se deu o trabalho de ver se nós portávamos alguma arma. Sabiam que mesmo que conseguíssemos usá-las não iríamos longe. Não sei por quanto tempo tive que caminhar. Tentei memorizar o trajeto, contudo só consegui ficar mais e mais confusa com o caminho que estávamos seguindo. Pensei em tentar achar onde Aiden estava naquela muvuca de gente. Infelizmente a pessoa que estava me vigiando não permitia que eu me movesse mais do que o necessário para andar.

Estava com um saco de pano na cabeça, com as mãos literalmente atadas e cercada de pessoas desconhecidas que levavam a mim e ao meu irmão para um local desconhecido.

CAPÍTULO 10

Fazia quatro horas que tínhamos chegado a um grande prédio e sido confinados.

Estávamos em uma sala grande com várias outras pessoas. Sanna estava bem ao meu lado.

A sala não tinha janelas. Havia apenas uma porta que oferecia uma saída, isso é, se ela não estivesse trancada e vigiada. Não fazia a menor ideia de como sair dali. Só sabia que demorar não era uma opção, pois tempo era uma coisa que não tínhamos.

Éramos por volta de sessenta ou setenta pessoas espremidas entre quatro paredes lisas de concreto: tinham homens, mulheres e jovens. A maioria estava sentada no chão. Quase ninguém falava e os que faziam isso falavam o mais baixo possível. O medo e a tensão eram praticamente palpáveis no ar.

Fazia uma hora que tinham aberto a porta e duas pessoas com uniformes militares entraram com dois grandes sacos. Pouco antes da porta ser aberta bateram três vezes à porta e, imediatamente, quem estava mais próximo da porta foi se encolhendo e se distanciando. Das sacolas foram tiradas garrafas d'água e latas de comida que foram distribuídas por todo o recinto.

Eu e minha irmã pegamos nossas porções e voltamos a sentar. Sanna estava travando uma verdadeira batalha contra aquela lata de feijão.

-Deixa que eu abro.- Ofereci. Ela me passou a lata e pegou a garrafa de água.

-Obrigada, Aiden.

Pouco antes dos dois soldados saírem, um homem de uns cinquenta anos usando suéter xadrez e óculos enormes, que pareciam fundo de garrafa, foi colocado para dentro da sala. Aquele senhor com cabelo branco e rosto enrugado e sujo não me era nada estranho.

Na verdade, ele era alguém muito conhecido: era meu professor de astrofísica avançada, que tinha deixado abruptamente a nossa cidade um ano antes. Aliás, ele era mais que apenas meu professor... ao longo dos anos, ele passou a fazer parte da família. Nós o víamos como um tio querido.

Ele e meus pais eram amigos de faculdade: o Professor Agron tinha sido professor deles também e o vínculo entre os três foi criado muito antes de nós nascermos. Mas, tudo acabou quando ele foi embora da nossa cidade sem maiores explicações. Foi quando nossas aulas também acabaram...

-Professor Agron!?- Chamei, dando um salto.

O pequeno senhor vasculhou o recinto à procura da voz familiar que o chamara.

-Aiden!?- Agron veio aos tropeços, o mais rápido que pode.- Aiden, meu jovem, você está vivo!

Nós três nos espantamos com a visão inesperada.

-Sr. Agron!- Sanna tinha se levantado ao ouvir a voz do velho.

-Sanna querida, que bom que está viva também! - O professor começou a olhar em volta.- Onde estão seus pais, não os estou vendo.

Baixei a cabeça e fiquei em silêncio. Não queria ter de dizer a ele que os dois tinham...

-Entendo...-Agron refletiu sobre o que tinha acabado de descobrir. O professor tinha se tornado um amigo da família ao longo dos anos que passou instruindo o jovem.- Mas, estou feliz em saber que os dois estão vivos. Melhor comermos agora.

Agron não tinha recebido comida, então Sanna se ofereceu para dividir o feijão que tínhamos. Enquanto comíamos, conversamos sobre o que havia nos acontecido desde que nos separamos.

-Sinto muito pelo que tiveram que passar, crianças.- O tom de Agron estava sofrido, como se sentisse culpa pelo que aconteceu.

-Como assim? - Sanna perguntou confusa.

Agron encolheu os ombros como se quisesse se esconder.

- Acho que em parte o que aconteceu foi culpa é minha. - Disse o Professor, que continuou: - Quando eu saí da cidade não foi bem por vontade própria. Eu fui trazido para cá junto com outros estudiosos para resolver um problema que os governos mundiais têm tentado resolver há alguns anos... Um problema que afeta o mundo inteiro.

Agora que o Professor já tinha começado a falar parecia que as palavras saiam com mais facilidade.

- Esse problema é... é um buraco negro. - Disse ele.

Um estalo soou na minha mente e eu lembrei das teorias e dos cálculos que tinha pensado anteriormente. Então era verdade... Eu estava mesmo certo, apesar de tudo! Tinha um buraco negro e ele estava...

-Esse buraco negro está muito perto do sol e está levando o nosso planeta para perto dele também, por isso a temperatura tem subido drasticamente nos últimos anos. Foi ele que trouxe as chuvas de meteoros que destruiu várias cidades, incluindo a nossa.- Eu arrisquei dizer ao Professor.

- Sim, Aiden. O buraco negro está ficando cada vez mais instável. Qualquer perturbação pode acelerar esse processo.- Enquanto falava, o Professor pegou as latas e garrafas e fez um esquema com uma lata representando o sol, no centro, outra, para o buraco negro, e uma garrafa, para o nosso planeta. Ele ia girando a garrafa que ia se aproximando cada vez mais das latas.- No final tudo será engolido pelo buraco. Eles me mandaram aqui para tentar achar uma forma de escaparmos desse planeta.

Tudo o que ele tinha dito até aí fazia sentido, mas não tinha jeito de sair do nosso sistema solar antes de sermos tragados. Meus cálculos já tinham me mostrado isso.

-E não tem como! Eu disse. -Mesmo que nossas naves pudessem levar tanta gente e sustentá-las, a força gravitacional do buraco negro não nos deixaria escapar. O máximo que poderíamos fazer seria ficar orbitando perto de outros planetas para não sermos sugados.

Agron assentiu rapidamente.

-Percebemos a mesma coisa quando analisamos os dados. Usamos um satélite que orbita um planeta mais próximo da anomalia para estudar suas propriedades. Descobrimos que essas propriedades alteram o sentido de tempo e de espaço. E, a partir desses dados, pensamos que, já que não podemos sair do nosso sistema solar com nossas naves, porque não irmos para um sistema solar diferente, um outro planeta, e usando outros meios? Desenvolvemos tudo em um lugar dessa instalação. O laboratório fica no subsolo, no prédio baixo que fica no centro dessa base, ao leste daqui.

Ódio aflorou novamente em meu peito, mas o contive e deixei meu professor falar.

-Então, quais meios seriam esses professor? - Perguntou Sanna. Dava para ver que minha irmã estava realmente tentando entender tudo e estava conseguindo na medida do possível.

-Teríamos que usar um portal transdimensional.

-Mas, a teoria de múltiplos universos não foi confirmada e nem tem provas de que é real! -Afirmei, lembrando da aula em que tínhamos visto essa teoria. Segundo ela, havia vários universos coexistindo no mesmo tempo e espaço, mas em “dimensões” diferentes.

-Bem, não tínhamos muito mais o que fazer... Disse o Professor. - Conseguimos construir um protótipo de portal e também criamos um algoritmo para vasculhar esses universos à procura de planetas com a mesma composição que o nosso. Não sabemos se vai funcionar. O buraco negro está ficando cada vez mais instável. Como já disse, qualquer perturbação pode acelerar esse processo.

Consegui ver as lágrimas se formando sob seus imensos óculos.

- Acho que temos no máximo cinco anos antes de ficar quente demais... Me desculpem meninos... Quando soube disso tudo, tentei ao máximo fazer com que eles trouxessem para cá o maior número de pessoas que pudessem. Aqui é o lugar mais seguro, por enquanto. Mas, trouxeram apenas as pessoas de quem precisavam para desenvolver a teoria e, lógico, seus próprios parentes. Se eu tivesse conseguido convencê-los de que precisávamos de pessoas como seus pais e vocês...

Como era de se esperar, Sanna tentou confortá-lo.

-A culpa não é sua sr. Agron.- Ela se aproximou e segurou a mão dele.- Não tinha nada que o senhor pudesse...

Não prestei atenção ao resto do que ele tinha para falar. Me deixei afundar na amargura e na fúria que sentia. “Então, eles sabiam de tudo e decidiram não contar!” Estava na cara que “eles” significavam as pessoas que governavam nosso mundo e que não se importavam conosco. Antes eu tinha tido a certeza de que me vingaria disso tudo. Agora que sabia de quem eu me vingaria e estava pronto para fazê-lo.

CAPÍTULO 11

O sr. Agron parecia realmente culpado por não ter conseguido nos trazer para a base e, desde que ele terminou de contar tudo sobre a catástrofe eminente, Aiden se isolou em seus pensamentos.

Não tinha muito o que fazer naquela sala. A maioria das pessoas ou dormia ou ficava olhando em volta.

Eu me dediquei a pensar no que faria. De fato, era chocante saber que, apesar de tudo de ruim que já tinha passado, ainda teríamos que enfrentar algo ainda pior. Queria ajudar, mas não tinha nada que eu pudesse fazer sobre esse problema. “Já que não posso ajudar o sr. Argon e meu irmão nisso, vou fazer o que puder.” Passei as duas horas seguintes pensando no assunto, no sr. Agron e no meu irmão, no fim do mundo...

Repentinamente, a luz é apagada e substituída por uma iluminação vermelha, mal comecei a levantar e falar com Aiden e uma sirene extremamente alta tocou.

Todos do recinto se sobressaltaram e se puseram de pé. Estavam agitados. O som perturbava a mente e fazia com que as pessoas tivessem que gritar para se comunicar.

-O que é isso! - Alguém gritou.

A luz vermelha tornou as sombras mais longas e escuras.

Mesmo não estando distante de Aiden e do professor, mal conseguia distinguir suas feições.

-Sanna! Professor! Cheguem mais perto!

-O que é esse alarme? -Perguntei.

-Ele já trocou antes, quando os meteoros caíram na cidade.- O professor respondeu.- Acho que estão caindo mais.

Praticamente no mesmo momento em que Agron terminou de falar, as paredes e o piso tremeram e um estrondo de algo atingindo o chão soou.

As pessoas começaram a correr desesperadas e a bater à porta, pedindo ajuda. Todos sabiam o que aqueles tremores significavam.

Estava prestes a ir em direção à porta também, mas Aiden me deteve. Segundos depois o teto desabou com a força do impacto de um dos meteoros e caiu sobre as pessoas que tentavam escapar.

Instintivamente me agachei e coloquei as mãos tampando os ouvidos para amenizar o barulho ensurdecedor.

Algum tempo depois, percebi que o barulho passou. Assim que a poeira baixou, eu me ergui. Meu irmão estava ao meu lado, mas eu não via o sr. Agron. Onde antes tinha uma porta, agora havia uma cratera coberta de escombros e corpos ensanguentados e mutilados.

- Sr. A...Agron. Agron!- Chamei pelo professor, mas sem resposta.

Aiden estava ao meu lado e também vasculhava em volta.

Olhei para os poucos sobreviventes, com cuidado, para ter certeza que não era o sr.Agron. Procurei por toda a sala. Não o achei.

-Sr.Agron! -Ouvi a voz alarmada de Aiden.

Procurei de onde tinha vindo o grito de Aiden. A figura agachada perto de onde estávamos antes da explosão era o que estávamos procurando.

Corri para lá sem ter ideia do que iria encontrar.

O professor Agron estava deitado sobre uma poça de sangue. Aiden tentava reanimá-lo.

Tudo tinha acontecido tão rápido... em um instante ele estava ao nosso lado e de repente não estava mais.

O professor estava frio e tinha muito sangue para que ele estivesse...

-A...Aiden.- Segurei seus ombros.- Já chega... não adianta... O professor...

Não consegui pronunciar o restante das palavras.

-Não pode ser!- Aiden estava negando com a cabeça.- Não! Não! DE NOVO NÃO!

Seu rosto foi tomado por uma expressão de puro ódio.

Por mais que soubesse que aquele que estava diante de mim era meu irmão, não pude evitar que um medo aterrador surgisse nas minhas entranhas. Tive verdadeiro pavor em só imaginar o que ele podia fazer com todo esse ressentimento e fúria.

Tinha percebido uma mudança profunda no meu irmão, desde o dia que nossos pais morreram. "Então essa é a fonte de tamanha mudança". Pensei. "A ira, a raiva, o ódio e o ressentimento".

Sem nem perceber me afastei da pessoa tomada de ira a minha frente. Apenas aí ele pareceu perceber minha reação. Toda a raiva que estava estampada em seu rosto pareceu desaparecer tão rápido quanto surgiu. Fiquei pensando se o que tinha visto antes não era minha imaginação, logo descartei essa ideia. Tinha sido real. Aiden pegou minha mão.

-Vamos sair daqui.

-Para onde vamos?

-Para o portal.- Ele disse.- Não podemos ficar e ele é nossa única chance.

Assenti. Estávamos indo para a passagem que foi aberta pelo meteoro, mas fomos barrados por um grupo de sobreviventes. Eles formavam um grupo de dez pessoas, entre homens e mulheres e só uma criança pouco mais nova que eu.

-Espera um pouco amigo.- Disse uma mulher mal-encarada que estava à frente do grupo.- Ouvi sobre esse tal portal e o buraco negro. Então decidi que vou com você.- Essa mulher parecia ser extremamente arrogante.- Ah, e esses caras decidiram vir junto.

-Quem é você? -Perguntei.

- Me chamo Keila.

Aiden pareceu refletir sobre isso.

-Nós estamos indo para o portal.- informou gesticulando em minha direção para deixar bem claro a qual nós ele se referia.- Não vou impedir que me sigam, mas não vou cuidar de nenhum de vocês.

-Certo.- A mulher não pareceu se importar com as outras pessoas que a acompanhavam. -Acho que é melhor irmos, não? Antes que os soldados venham ver se os desordeiros ainda estão presos.

CAPÍTULO 12

Não havia problema aparente para que os outros sobreviventes da sala não viessem. Talvez eles fossem até úteis em algum momento.

As luzes vermelhas tornavam os corredores estreitos escuros e mais ameaçadores do que o normal.

O professor tinha dito que o portal ficava no subsolo, no lado leste do edifício central.

Vimos que a base tinha sido bastante atingida pela Chuva. Vários prédios tinham sido destruídos, junto com carros e outras coisas, inclusive seres humanos...

Encontramos alguns soldados que estavam ocupados demais com os meteoros para nos dar atenção.

Depois de um tempo nos esgueirando entre os destroços, conseguimos chegar no prédio do centro da instalação. A entrada estava escancarada, fruto da demolição da parede que a sustentava. Não havia soldados ali: estavam mortos.

O caminho para o subsolo estava relativamente livre.

Chegamos às escadas parcialmente destruídas e conseguimos descer os andares até o laboratório. Ao chegarmos, tivemos que ter mais cuidado com os guardas, já que eles não tiveram que se preocupar muito em sobreviver aos meteoros. Sua função permaneceu a mesma: impedir a entrada de intrusos.

Keila foi à frente para verificar se o grupo poderia prosseguir. Nas primeiras duas vezes em que Keila gesticulou para que nos escondemos, conseguimos não ser notados. Não tivemos a mesma sorte na terceira.

Um dos caras que tinham ido conosco, um sujeito um tanto grande, chamou a atenção dos guardas. Quando esses soldados nos viram pareceram meio surpresos, mas logo se recuperaram. Eles nem perderam tempo perguntando se éramos intrusos ou nos mandando ficar parados e não resistir. Apenas foram em nossa direção e dispararam. Um dos nossos morreu.

Não os culpo, passamos por várias placas dizendo que era área restrita, e estava meio na cara que não éramos outro grupo de guardas. E o que eles estavam protegendo tinha importância mundial.

Não me impressionei ao sentir uma certa satisfação em ver os corpos de alguns dos soldados no chão. Mesmo que não tivessem morrido por minhas mãos, era ótimo ver os culpados pela morte dos meus pais e do professor terem o mesmo destino. Keila contra-atacou e outros quatro seguiram seu exemplo. Eles mataram aqueles soldados facilmente.

Também não reclamei nem um pouco por eles tomarem a dianteira, enquanto eu levava Sanna para o centro do grupo.

Os demais soldados logo foram contidos e todos eles foram desarmados: mortos e vivos.

Agora não estávamos mais totalmente desprotegidos.

Não demorou muito e chegamos na sala certa.

Keila e os que a tinham acompanhado durante o último confronto se aproximaram.

-O caminho está livre.- Ela informou.

Todos estávamos dentro da sala cheia de cabos, telas e aparelhos científicos.

As pessoas se dispersaram olhando curiosas para os arredores, querendo entender o que estava acontecendo naquelas telas.

Eu era a única pessoa dali que sabia como ligar o portal, graças ao professor.

Acho que teria adivinhado como ligá-lo mesmo se o professor não tivesse me falado como se fazia, mas isso demandaria um tempo que não tínhamos.

A desordem que se instalou na base depois da chuva de meteoros não duraria e logo alguém perceberia que alguns dos prisioneiros tinham fugido e que poderiam causar problemas. E o pior: logo viriam verificar o portal.

Em poucos minutos achei o complexo responsável pelo portal e comecei a trabalhar.

-Sanna, não importa o que acontecer, fique ao meu lado até que o portal esteja pronto, ok?

-Certo Aiden.- Ela se sentou perto dos monitores.

Digitava e lia o mais rápido possível. Quanto mais tempo se passava, mais tenso eu ficava. Decodificar tudo era muito mais demorado do que eu gostaria.

Deslizava na cadeira para ir de uma tela para outra para ter certeza de otimizar o tempo. Não tinha sentido ter senhas naqueles computadores: eles só eram acessados pelos responsáveis pelos projetos que estiveram ali 24 horas por dia até serem descartados, como o Professor.

Em meio as configurações de ativação do sistema do portal consegui achar o painel de controle do satélite que o sr. Agron tinha dito.

Uma ideia apareceu subitamente e se firmou dentro de mim.

Poderia assumir o controle do satélite e direcioná-lo para o buraco negro já instável. Isso desencadearia uma reação potencialmente catastrófica reduzindo o tempo de vida do planeta de cinco para no máximo um ano. Mas, antes, teria que me certificar de que o portal pudesse nos tirar desse planeta.

Um tumulto chamou minha atenção, enquanto ia de um lado para o outro entre as telas e monitores.

-Droga! Os soldados estão aqui!- Keila disse em um tom desesperado.

Aiden estava cuidando do portal e eu estava perto dele, quando ouvi Keila alertar sobre os soldados que se dirigiam para nossa direção, com armas prontas para atirar.

Meu irmão tinha me dito para ficar perto dele, enquanto tudo não estivesse pronto para irmos, Mas Keila e o resto do pessoal estava ficando cansados de segurar a porta. Corri em direção uma mesa metálica próxima e comecei a empurrar. Firmei os pés no chão o mais que pude e me esforcei ao máximo para levar a mesa que serviria de barricada. Inicialmente o móvel nem se moveu, mas assim que saiu do lugar foi bem mais fácil levá-lo pelo caminho.

Cada passo parecia ser mais difícil que o anterior e meu corpo tremia com o esforço. De repente, a mesa pareceu ficar mais leve. Abri os olhos e olhei para o meu lado. Um dos homens que tinha vindo com a gente estava me ajudando. Ele indicou com a cabeça para que continuássemos empurrando. Continuei o esforço para retardar os homens do lado de fora de entrar.

Nós demos um último empurrão e finalmente conseguimos o nosso objetivo: com ajuda de Keila e dos demais, a porta estava definitivamente fechada por dentro. Me virei para o homem alto e de cabelo claro que tinha me ajudado.

-Muito obrigada. Falei apertando a mão do homem.- Qual é o seu nome?

-Meu nome é Oslo. Eu que agradeço. Bela ideia de levar a mesa para a porta. -Ele sorriu de volta. Diferente de Keila ele parecia ser simpático.- E qual é o seu, mocinha?

-Me chamo Sanna.- Ele acenou e se dirigiu para a porta.

Voltei para onde Aiden estava, esperando que ele não tivesse notado a minha falta. Meu irmão teria que terminar rápido, pois a barricada não duraria para sempre.

É praticamente impossível ter noção de tempo numa situação em que se está totalmente concentrado, principalmente com uma tarefa tão importante.

Estava quase terminando a ativação do portal e consegui fazer certas alterações para me certificar que ele nos levaria a um lugar seguro e que só o fizesse uma única vez. Programei o portal de acordo com o número de pessoas do nosso grupo.

Depois de irmos, o programa que buscava um mundo compatível com o nosso se destruiria. Demorariam um certo tempo para reprogramar e ajustar tudo, tempo esse que, se meu plano funcionasse, os desgraçados, responsáveis por aquela zona, não teriam.

Ainda ouvia as batidas na porta e os gritos, mas tudo parecia relativamente sob controle.

Estava terminando de arrumar a última parte do sistema e...

-TERMINEI! - Bradei.

Quase no mesmo momento, uma luz se acendeu atrás de mim. O portal estava em uma sala separada e era visível através do vidro de observação.

Era um círculo de metal com diversos cabos e tubos saindo deles. A parte central brilhava em azul, branco e prata e transluzia. O efeito produzido era hipnotizante.

Todos se reuniram ao redor do portal e eu e minha irmã nos juntamos a eles. Nem precisei convencer alguém a entrar primeiro, pois houve uma batida mais forte na porta de entrada e isso pareceu ser o bastante para convencer o cara gordo que tinha chamado a atenção dos guardas antes. Ele se adiantou e atravessou.

Corri para os painéis e, felizmente, eles não mostravam nenhuma falha ou anomalia. Isso dizia que as chances de o portal funcionar eram maiores. Agora que o primeiro tinha passado os outros se espremiavam para passar antes que os soldados entrassem.

-Aiden, vamos! - Era Sanna.

-Só preciso fazer mais uma coisa, Sanna.- Me aproximei do painel e dei início ao plano, sentindo o prazer da vingança iminente. Um modelo do satélite apareceu na tela junto com um alerta de rota de colisão com o buraco negro. - Espere só mais um instante.

-Aiden... O que é isso...- Sanna tentou olhar a tela.

-Nada. Disse calmamente.- Apenas estava verificando se o portal estava estável para passarmos.

Ela pareceu duvidar por um instante, mas o som da porta sendo arrombada desviou seus pensamentos.

-Vamos! - Berrei puxando sua mão e corremos para o portal o mais rápido que nossas pernas permitiam.

Ouvi os gritos e ordens dos homens as nossas costas e os tiros. Um deles passou perigosamente perto da minha cabeça. Os passos estavam cada vez mais próximos.

-Corre, Sanna!

Entramos na sala e simplesmente fechamos os olhos com força e pulamos juntos dentro da névoa translúcida, segurando a mão um do outro o mais forte que podíamos.

Sem mais nem menos todo o tumulto em que nos encontrávamos segundos antes desapareceu. Me agarrei à minha irmã, enquanto éramos jogados de um lado para o outro do vazio por uma força invisível.

Em um segundo estávamos em um vácuo brando e luminoso sendo chacoalhados como bonecos de pano, no outro estávamos deitados em terra firme.

Grama tocava a minha pele e eu sentia o sol nas minhas costas.

Me levantei e abri os olhos.

Diante de mim tinha um enorme vale com um rio correndo por ele. As árvores eram extremamente verdes e tinham animais que nunca havia visto e alguns outros não tão estranhos assim: vacas com pelagem vermelha,

pássaros enormes de quatro asas e diversos outros animais diferentes. Sanna estava ao meu lado de boca aberta e visivelmente maravilhada.

Era realmente uma visão esplêndida.

Notei algo diferente. Algo tinha mudado dentro de mim: meus sentidos tinham ficados mais aguçados, me sentia mais forte, imensamente forte; conseguia perceber o pensamento dos outros seres que habitavam aquele lugar.

Algo mudou e não tinha mais como voltar a ser do jeito que era antes.

Olhando ao redor, vi que todos pareciam ter notado a mesma mudança.

As coisas nunca mais voltariam a ser como eram antes...

Fim do livro I

Continua em “A Garota da Ilha”.